dezfaces

Adriana Versiani
Álvaro Andrade Garcia
Ana Caetano
Ana Elisa Ribeiro
Camilo Lara
Carlos Augusto Novais
Elder Mourão
Fabrício Marques
Jorge Emil
Kiko Ferreira
Luciana Tonelli
Makely Ka
Marcelo Dolabela

Belo Horizonte
março
2007

poesia & vida

poesia & vida

Neste número do jornal *Dezfaces*, buscamos reunir uma produção poética que guardasse íntima e intensa relação com a vida. Lembrando que o impulso de fazer dessas duas instâncias vasos comunicantes já produziu muitos "desastres", a todos os criadores que beberam dessas águas turbulentas rendemos nossas homenagens. Independente do grau de exuberância, audácia ou quantidade de revezes presentes na biografia, o que aqui se encontra em jogo é a busca por um profundo sentimento em relação à vida e à poesia como sua expressão produtiva. Persistimos no desejo de romper lógicas instituídas, contribuir para a construção de novas sensibilidades, afirmar o quanto de potência crítica pode haver na operação criativa, celebrar o amor e a vida.

No tecido de versos costurado com desenhos de Fernando Cardoso, passeiam vários temas e estilos, mas o conjunto sugere algumas linhas fortes, como a indagação sobre o território da poesia e do poeta no mundo de hoje, o confronto com a esfinge devoradora da grande cidade, a expressão da perplexidade diante de nossas guerras e o transbordamento amoroso. O encarte deste número está a cargo de Álvaro Andrade Garcia, que além de ecoar esses temas em suas páginas, continua seu exercício com *palavras vitais*, dando seqüência ao número 1 do *Dezfaces*. Poesia e poeta, poesia e tempo, poesia e sonho, poesia e cotidiano, poesia e chiste, poesia e... *vida apenas, sem mistificação*. Então vamos.

Luciana Tonelli

entenda o dezfaces

entenda o dezfaces

número da página
número do fascículo
total de fascículos
número de página seqüencial

expediente dezfaces

expediente dezfaces

Belo Horizonte, março de 2007

Coordenação geral
Camilo Lara e Marcelo Dolabela.

Núcleos editoriais Adriana Versiani, Álvaro Andrade Garcia & Luciana Tonelli, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Marcelo Dolabela, Rogério Barbosa da Silva e Vera Casa Nova.

Editores deste número
Álvaro Andrade Garcia & Luciana Tonelli.

Revisão Carlos Augusto Novais e Rogério Barbosa da Silva.

Fotos capa_ Felipe, que batalhou pra nascer. miolo_ Desenho a nanquim de Fernando Cardoso, 1994 (detalhes). Fotos de Glória Campos & Adriane Puresa (vídeo-poema *Ruído-ruína*), Maria Cardoso e Heloísa Madureira.

Projeto gráfico, capa, direção de arte e **formatação**
Glória Campos e Clô Paoliello/
Mangá Ilustração e Design Gráfico.

Tiragem 1.000 exemplares

Impresso na *Gráfica Editora Jornal do Comércio.*

Contato

Rua Grão Mogol, 333 – loja 31
Carmo-Sion - 30310-010
Belo Horizonte – MG

Camilo Lara
camilara@uol.com.br

Marcelo Dolabela
mdolabela@hotmail.com

anatomia

Caetano

Ana

Qual a matéria do poema?
A fúria do tempo com suas unhas e algemas?

Qual a semente do poema?
A fornalha da alma com seus divinos dilemas?

Qual a paisagem do poema?
A selva da língua com suas feras e fonemas?

Qual o destino do poema?
O poço da página com suas pedras e gemas?

Qual o sentido do poema?
O sol da semântica com suas sombras pequenas?

Qual a pátria do poema?
O caos da vida e a vida apenas?

Jan 2007

poeta

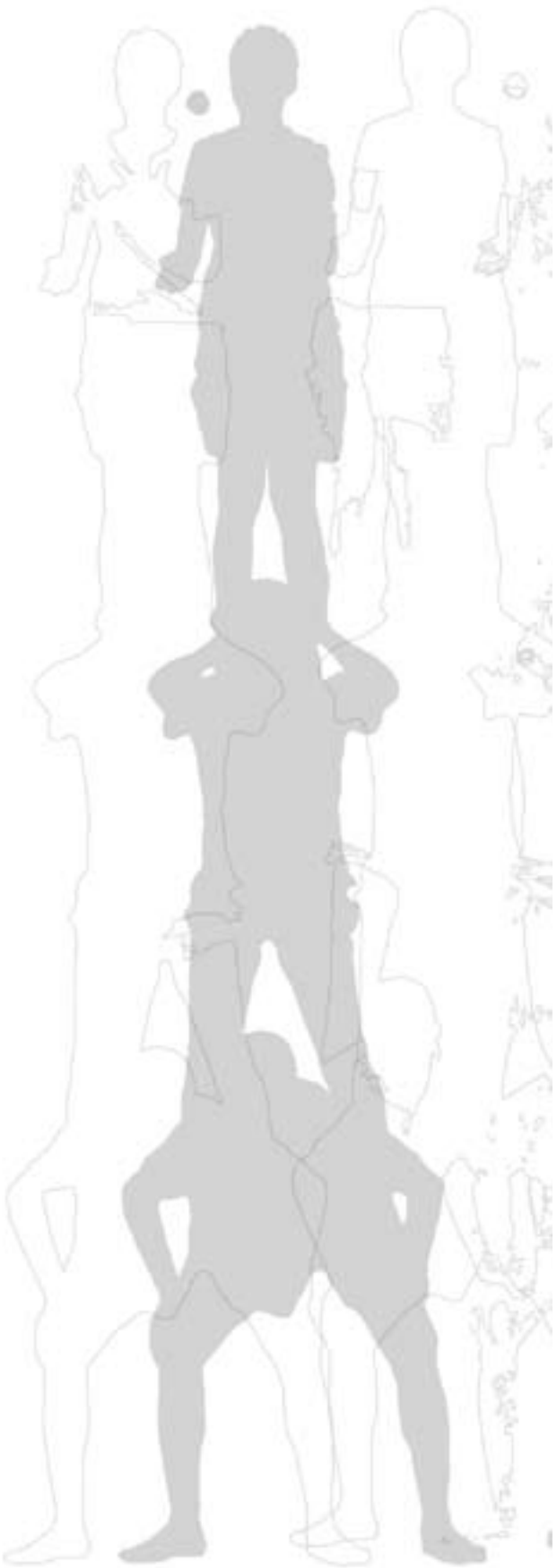
já tentei todos os colírios
pelo seu rótulo
já acendi todos os círios
pelo meu cálculo
já perfumei meus próprios lírios
sem nenhum escrúpulo
já ensaiei todos os martírios
até chegar ao cúmulo
já sonhei todos os delírios
para merecer o título

Jan 2007

receita contra o tédio

Palavras começadas com p
perigo
palíndromo
presente
pálpebra
pássaro
poente
páprica
paladar
pensamento
perfume
pupila
pigmento
pérola
púrpura
pingente
papel
partícula
pretendente
paraíso
pergunta
permanente
poema
pulsar
profundidade
pétala
pavio
posteridade
e um pouco de pólvora
de qualquer qualidade.

Jan 2007



os quatro invernos

(oswaldiana à maneira de JPP)

Infância
Buá!

Adolescência
Buá!

Maturidade
Buá!

Velhice
Já!?

a vida curvou-se ante a vida

(oswaldiana # 10)

2 a 7
1 a 3
A derrota de quatro
0 a 4
1 a 2
0 a 2
1 a 3
E três vivas à mesa dos fracassados.

Emil
Jorge

os exploradores

os exploradores

Um ou outro
desce e vai só, a pé,
pra melhor se expor ao pó
e pisar pedras e achar perdas
e pérolas nos percalços.
A maioria, tão veloz,
não sente, não vê o dia,
não sabe, sobre rodas,
que só existe a rota.

o acidentado

o acidentado

Desprezo — era o seu departamento.
Até sair ileso da capotagem.
Apartamento, comportamento, compartimentos:
quem quase virou reportagem,
quem quase deixou o mundo
arruma coragem pra deixar,
por ora, tudo fora de lugar.
Teve medo, e muito. Escapou
de ficar mudo. Quer mudar.

Marques
Fabrício

salto com barreiras

salto com barreiras

de
pó
a
pó

não
ser
só
pó

A Paulinho Assunção

caminhada

Marques
Fabrício

Sou um homem sem retrovisor.
Por isso, ando todos os dias
logo de manhã, nas ruas da cidade.

Pessoas pessoas pessoas
descem e sobem, me atravessam
Sou um homem fora da faixa

Andar, paraíso portátil sujeito a multas.
Em cada expedição diária
acumulo acidentes e alguns desastres

Sou um homem sem maçaneta
Cruzando os semáforos do planeta
Córdoba, Cádiz, Arpoador, Belvedere

Que mundo esse
indiferente ao espetáculo
de alguém a caminhar
sem saber pra onde vai.

Encontro-me perdido.
Errei de rua, errei de mim.
Perdido, encontro-me.

Chuva fina, dia claro
Apuro meus passos e
vou, e não paro.

Que mundo esse
Um dia ainda me confundem
com um automóvel

Da série inédita *Esportes Radicais*

Emil
Jorge

o perfume

Afoito, andei a torto
e a direito de um canto
para outro, de um canto
para outro do planeta,
mas sempre o mesmo
fedor de desastre
predominando
impregnado
em toda parte
me fez inferir
que 'desde gonçalves
dias d'antanho
o mundo é estranho,
inviável. Não adianta
andar pelo mundo
porque ele não anda:
tresanda'. Desde então
ando sem descanso de um canto
para outro, de um canto
pestilento para outro
da varanda.

Inéditos integrantes do próximo livro do autor.

centro geométrico da cidade

Versiani
Adriana

{mulher feia pobre e fedida arrasta um cobertor encardido}

Observação número 1: Há uma lógica urbana no pouso do urubu e no flanar do aeroplano

Centro geométrico da cidade

{ônibus quebrado, trânsito parado, asfalto, bandido}

Observação número 2: Nem toda interferência artística de vanguarda atinge seus objetivos com sucesso, no centro geométrico da cidade

Centro geométrico da cidade

{bêbados pedintes mancos falsos meninos banidos}

Observação número 3: A miséria humana não é, necessariamente, uma praga urbana

Centro geométrico da cidade

{obra monumental, cachorro morto, ódio contido}

Observação final: Disparo olhar para todos os lados esperando encontrar beleza naquilo que vejo do centro geométrico da cidade.

assalto

Sopro, arranca essa medalha do meu peito.
Seixo, fruto da extração desse som oco.
Pedra, crava nessa história o meu conceito.
Dor, aumenta essa memória do que é pouco.
Solto.

faixa de gaza

O terror vinha da linha do trem
Fui tomado por grande melancolia
Quando diante daquela Teresina
E de seu Serial Killer

Não sei se foi música baiana, ou poema na camisa
Não sei se Kombi, rua, ou cúpula de igreja
Não sei se perfume talvez, ou talvez aquela brisa

O terror caminha.

sim, meu país é a guerra

Dolabela
Marcelo

sim, meu país é a guerra:
luz que já não ilumina;
presente que não espera
a hora que tudo termina;

não, meu país é a guerra:
cabeça sem aspirina;
cérebro que desespera,
quando dorme a retina;

vê, meu país é a guerra:
batalha sem Hiroshima,
onde a dor não salva quem erra;

berro que berra na narina;
ar, meu país é a guerra:
terra, teu nome é ruína.

Poema de 1994 publicado em *Loren Ipsus - Antologia poética e outros poemas*, 2006.

poema-chiste perdido no bar la dolce vita em viña del mar

(parte final)

por quanto tempo
não sei
dois milênios chineses
a fugacidade desta noite de sexta-feira
dedicated to the one I love

talvez quando nosso vocabulário
estiver extinto
e mudos
apagarmos as mensagens surdas

você me lê alguns poemas
ela me adormece

um filho
vc
mestrado
doutorado } *poesia*
cachorro
piano

vamos à Cartagena
na casa de V. Huidobro
birds fly over the rainbow
why then
why can't I

na cama
ouvindo *Los Fabulosos Cadillacs*
Revolution rock
Basta de llamarme asi

pingüins metálicos
a *Libertador* está tão solitária hoje
no Píer de flâmulas da Brahma
pescadores assistem os turistas

qual o valor da moeda de *La Moneda*
poetas nazistas
grafites em vértebras neoclássicas
tudo tão semelhante a Belo Horizonte

lento*bus* na *highway*
a princesinha faz 50 anos
a seleção sub-20 ganha mais um título
reggae... reggae... reggae...

gracias
que és
naranja-plátano
Vapor barato na epígrafe

Borges deixou um lembrete
póstumo
na porta da Biblioteca
bisteca en la prancha

uma cartela de *Polaramine*
outra de *Dramin*
uma alameda com água contaminada
ocarinas grávidas
guardam
anjos de guarda

este táxi vai pra onde
e este metrô
e este transatlântico
e esse condor
there is a war

não rio mais
dos hemistíquios iguais
de nossas vidas
I don't hotmail you

corredores de aeroportos
cumbia-cica-triz-a
cueca-nción

portas que trancam por dentro
*neve*calor
ruas que servem de passarelas
nevermore

eu também
eu também vi meu *aleph*
garras
unhas
lâminas afiadas

transparências atemporais
torres de vidros
negros cabelos vermelhos ao sol
habitados pelos fantasmas da realidade

eu também
assassino
suicida
o nascimento da aurora boreal
não selo de um cartão postal

e a tristeza
em um país distante
em uma foto digital
no *Bairro da Liberdade*

o horror
e as rimas banais
e a fila dos excluídos
no centro financeiro da cidade

e quis incendiar os porões
incendiar os sótãos
os portos
as lembranças

e vi
na escuridão
também
todas as luzes

e a revolta e o ódio
por todas as significâncias
por todas as mentiras
da visão

viña del mar 17/18 jan. 2007
santiago 22/24 jan. 2007
bhz. 1º/07 – 02/2007

vida chiste poesia

1. (...) talvez o rústico poema de Cid seja o contrapeso exigido por um epíteto das *Éclogas* ou por uma sentença de Heráclito. O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta. (Jorge Luis Borges. "O imortal").

2. Certa feita, questionado sobre a estrutura narrativa de seus filmes, Jean-Luc Godard comentou: "meus filmes têm *início – meio* e *fim*. Só que, geralmente, não estão nesta ordem". Contrariando e reforçando a idéia aristotélica que *início* é o ponto que não pede nenhuma informação anterior para sua compreensão; e que *fim* é aquele ponto que não pede nenhuma informação posterior. Grosso modo, essa definição godardiana pode ser utilizada para definir "sonho". Uma narrativa embaralhada. Que troca, que funde, que cria personagens, tempos e lógicas. Porém, se mantém narrativa.

3. Um dos lugares comuns mais recorrentes sobre o ato poético é dizer que um poema é um esforço sobre-humano. Que Deus nos dá o primeiro verso e que o resto deverá ser urdido com suor, no calor infernal de uma imensa fornalha. O que segue a esse "presente divino" (nem sempre) é algo de divina importância. Na maioria das vezes, o que se faz é uma prova cabal que o poeta (ser humano) não é a *imagem e semelhança de Deus*. O primeiro verso surge impoluto. Os demais são traições, desvios, desvãos, gagueiras, chistes e caos. Grosso modo, esse fracasso pode ser utilizado para definir o "chiste". Que surge na mais indesejável hora e no mais improvável lugar. Uma poesia embaralhada. Que destroça, que separa, que fende, que recria personagens, tempos e lógicas. Porém, se mantém poesia.

4. Assim, o "sonho" pede uma esmerada "reconstrução"; o "chiste", uma lapidada "desconstrução".

5. A poesia zanza entre esses dois territórios. Ora, se afina por um diapasão; ora, por outro. Ora, busca o sonho, a narrativa, as cosmogonias, as "epistémes"; ora, a síntese do epigrama, a concretude da blague, o intraduzível do chiste.

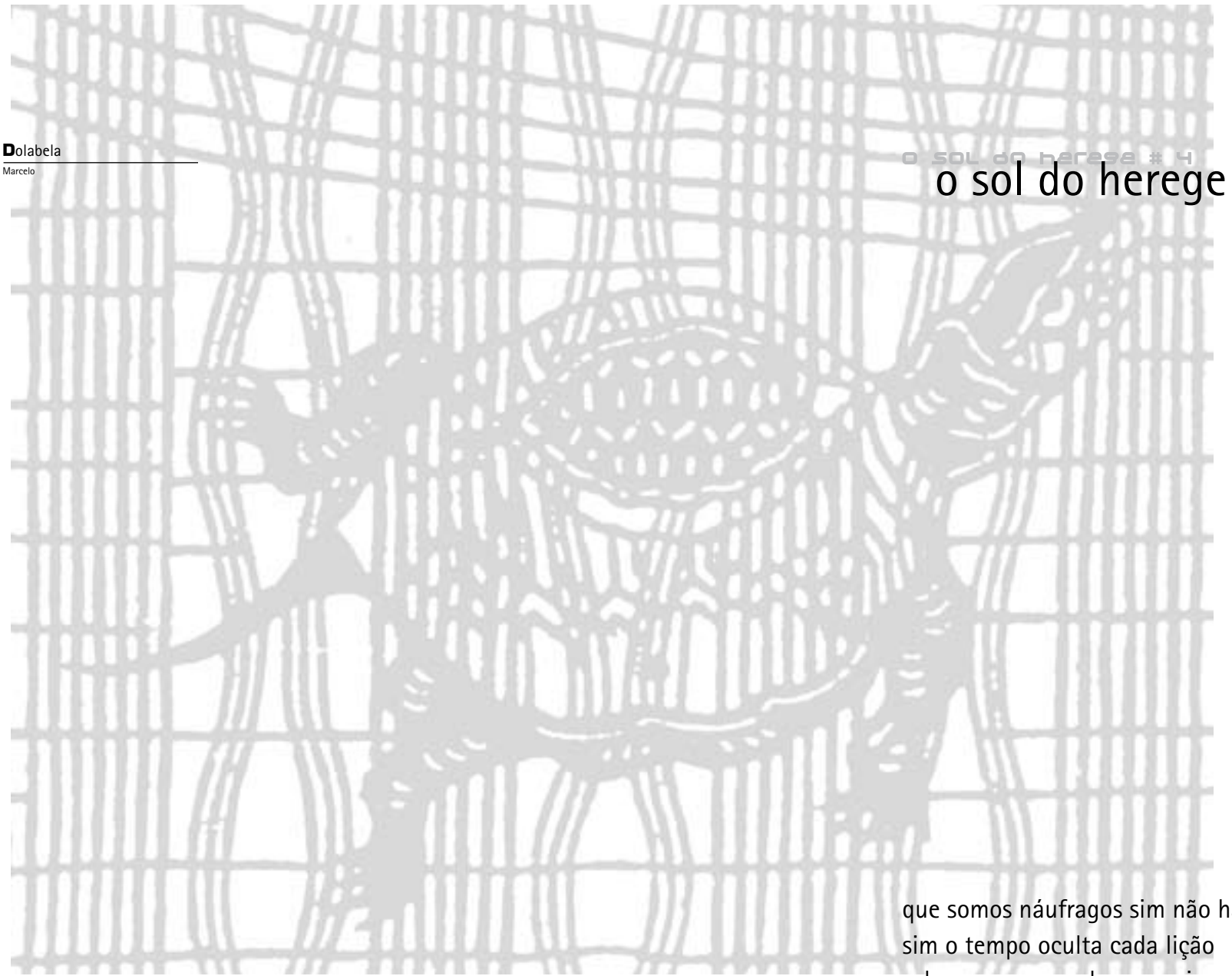
6. A Modernidade, que se inicia com a "doença" romântica em oposição à "saúde" marmórea do Classicismo, e que se prolonga nas exasperações *trans*modernas de hoje, é um *tour de force* entre esses dois mundos.

7. Como o poeta, há muito, ou desde sempre, não está no epicentro do vulcão da história, margeia e combate poderes, se exila em *terras desoladas*, é perseguido nos mais obscuros porões, quase sempre, se ilude com a grandiloqüência das narrativas. Supondo que, dominando esse minotauro indomável, terá alguma oportunidade de falar no grande tribunal das grandes decisões.
Erra. Esgrima com sua própria sombra.

8. E erra outra vez, quando se recusa a ser o instantâneo e volátil escrivão das coisas insignificantes. Que a quase ninguém interessa. Escrivão dos chistes da (grande e pequena) "história". Recusando a superfície abissal da vida (mais que) cotidiana e da inconstância das (nobres) consciências. Não é: por desejar ser; não é: por recusar ser.

9. Não recusa o inútil presente de Deus (o divinal primeiro verso). Quer a servidão de ser o artista-escravo da grande (e falsa) narrativa da história. Comete, assim, o seu grande erro. O seu único erro. O seu mortal erro. Transforma-se no "chiste" da grande história. E não realiza sua função de inquisidor das grandes exclusões. As insignificâncias continuarão à margem da insignificância. Sem quebrar o "chiste da história".

10. (...) creio perceber algo falso. Isso é efeito, talvez, do abuso de traços circunstanciais, procedimento que aprendi com os poetas e que tudo contamina de falsidade, já que esses traços podem ser freqüentes nos fatos, mas não na memória deles...
(...) Quando se aproxima o fim, já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. (Jorge Luis Borges. "O imortal").



o sol do herege # 4

que somos náufragos sim não há dúvida
sim o tempo oculta cada lição
sabemos o nome do esquecimento
quando o vento sopra sem direção

mar aberto dentro de mar aberto
água sem margem mas assim prisão
rezemos pois que nossos pesadelos
nos livrem desta comiseração

porém nem de antes sabemos nem como
caímos neste mar de vasta sombra
vendo a noite e sua eterna agonia

e assim vamos sem oração sem rumo
escrevendo em sal e água nossa obra
crentes que fazemos só poesia.

Poema de 1991, publicado em *Loren Ipsus - Antologia poética e outros poemas*, 2006.

o nó torquato

Lara
Camilo

poema feito de citações
partidas e chegadas

ou melhor: uma palavra
transparente em sua orla

vida que esconde outra
um texto: uma insígnia

e no entanto, é preciso.

lá onde a palavra ignorada sozinha mora

I

lá onde a palavra ignorada sozinha mora
porém sempre lida pelos indivíduos que a maltratam
e deleitados gemem imóveis até gozar

II

sobrevivo aos infernos incendiados sentindo o cheiro cruel das carnes queimadas
carregadas de melancolias, virando as costas para as tardes

III

em silêncio e doloridamente entregar-me às impossibilidades de escrever,
ao contrário de todos os dicionários viver onde a pintura não desenha a palavra cor
doces versos gozosos

Belo Horizonte, pelos dias finais de 2006.

gaia

Mãe pássara derrama-me o teu pólen
para chocar em mim as Palavras
e eu não viva achando nunca encontrá-Las
quando quero perder-me entre as coxas Delas – Raízes viscerais da minha Vida;

pois Deus se me quiseste fazer um dos vossos copistas
não me suplicias mais ocultando-As em mim,
sofro, dilacero-me, puno-me;
criações, rancores, mágoas vis, obscuros das almas,
exuberâncias de vermelhos dos Céus
doçura do mergulho duma ave em direção ao mar buscando o peixe a ela oferecido;
montanhas intransponíveis, erguidas pelo meu coração ao tentar ultrapassá-Las;
não, não, não, não me maltrates com noites ou dias eternos,
tampouco com os roseirais e suas primaveras ou meias-estações
iguais aos poemas principiados e inacabados; por favor: Não;

abandona-me à condição lazarenta dos cães solitários, sem destinos,
mortos nas ruas por carros cegos, atropelados;
dá-me a graça de salmista ser e sentir – a mesma coisa são luzes e trevas;
ofereça-me humildade; insufla ou lança-me lá no obnubilado
onde jazem as negras flores que a Terra não perfumaram;
deixe-me apodrecer até mandrágora tornar e esquecê-las;

reja, rega-me.

Belo Horizonte, entre uns dias de janeiro. 2007.

peças de madeira em pau-marfim

A linha dos olhos
faz flechas da cor de futuros

As mãos formam conchas
de pegar contentamentos

Os pés são grandes como
as telas holandesas realistas

O corpo inteiro é um tabuleiro
de jogar jogos de azar

As costas quadriculadas
As coxas quadriculadas
A boca quadriculada

Onde eu me finjo
de dama

altura

do alto de você
eu vejo tudo o que existe.
do alto de você
não caio, não arrisco
não me fodo.

do alto de você
tenho asas
cascas, lascas e brasas.

e mesmo que eu caísse,
subiria,
arrastando pedras,
pro alto de você de novo.

la vie en prose

2 JorgeR

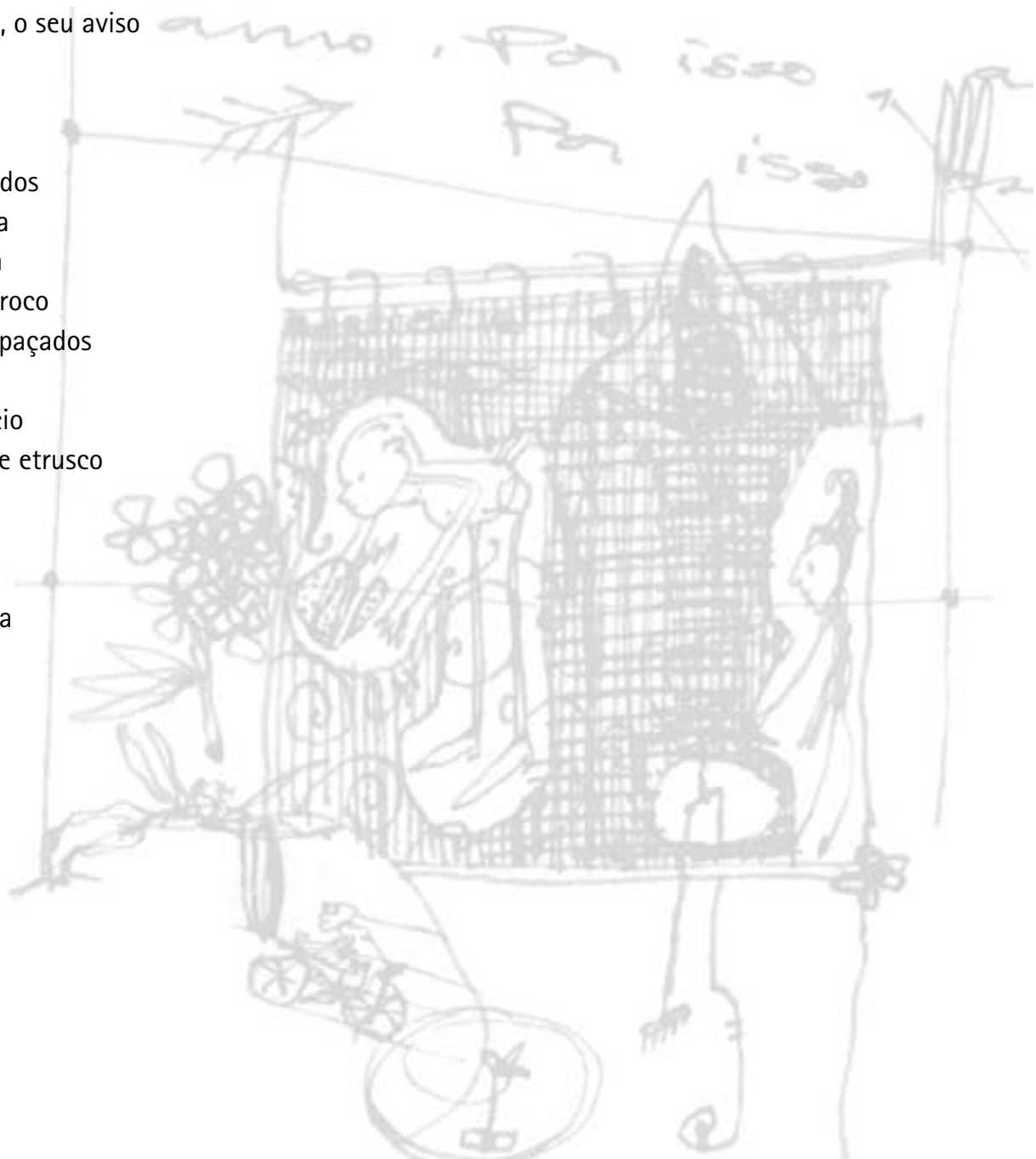
O seu cheiro de tabaco caro
A sua lâmina de cortar assunto
O seu andar de lamento
A sua tocha de atear sonhos
O seu olhar de improviso
O seu custo, o seu preço, o seu aviso

Quando me apaixonei
Eu era um rio
Cheio de afluentes poluídos
O seu amor gastou saliva
Minha ruína em reforma
Troquei meu destino barroco
Por um tapete de fios espaçados

Seu perfume de prenúncio
Sua gentileza de príncipe etrusco
Suas mãos de alicerce

Seu sexo de imprevisto
Desta muda aquiescência
da sua insistência
nasceu um talvez
que vinga

Poemas do livro *Portáteis*, no prelo.



onomatopéia

te lendo falar assim, tão ruidosa no empenho da caneta,

me incomodam as onomatopéias sem freio,

o papel no meio do barulho, o arrulho de sílabas sibilantes, o sigilo do

silêncio do quarto cortado pelo fio da ponta da esfera gráfica

afiada. já não ouço mais nada do ambiente. a paisagem

tragada pelo papel. a cor céu de papel de maçã galopeia por

minha memória. lápis de cor como rashi entre sushies de

brutos do mar, peixes brancos entre shoyos e wasabis

wanabees. soy loco por ti, colérica. na passagem das

páginas, duplas asas de colibri, o vôo flácido das falácias. a

fala fácil das animações. no caminho do meio, o abandono

plurisolitário do e-mail. entre spams e firewires, espasmos e

soluços de plasma. o pincel vermelho sangue tentando

ilustrar o mangue. seus peitos entre meus lençóis.

e minha solidão a sós nas entrelinhas.

fio

sábio o que define em sílabas
e pontos finais
as paisagens.

símio o que tenta arrancar verdades
em forma de pedras
lapidadas.

sólido o que enfrenta
de pena em punho
desalinhos e arroubos.

simples o que inventa
com o vento
alegrias e estratégias.

cínico o que recria táticas como
regras e mandamentos.

sôfrego o que passa a limpo sem rever
cores e entrelinhas.

pálido: meu coração que bate
em compasso de valsa nossos
rocks e galopes.

120 bpms em beat de câmera lenta.
alento e profilaxia como desculpa do desacerto.
paixão sem ferida ou desassossego.

a história, falsa premissa
pressa sem pressa na reza da missa

presentes etéreos
e-mails sem destinatário, garrafas
virtuais sem rumo, nexo e sexo.

romantismo de barco a fotonovela sem bússola e músculo.
só se salva o que merece susto e pavio.
o resto é a vida crua, fritando em fio sem capa
e limite.

Poemas inéditos do próximo livro de Kiko Ferreira, *Stet*.

forte abraço

na envergadura de seus braços abertos
entro
e a musculatura que me retorce e aperta
dentro
me reconfigura e me mantém ereto o centro

essa é minha armadura
meu cordão de isolamento

retorno de saturno

hoje lutei contra hordas de bárbaros
enfrentei filas de hunos
sacrifiquei até o meu sábado
porque estou no meu retorno de saturno

amanhã vou cruzar dois desertos
beber da água do meu próprio sumo
vou de jangada pro mar aberto
pois ainda estarei no meu retorno de saturno

ontem quebrei todos os tabus
da bíblia inteira fiz um resumo
que barganhei com belzebus
foi quando entrei no meu retorno de saturno

quando percebi era cérbero
pisei suas cabeças com meu coturno
sobrevivi até no tártaro
no meu retorno de saturno

endoscopia

há muitos eus dentro de mim
uns judeus outros palestinos
caldeus e nordestinos
uns fariseus, uns marroquinos
hebreus, belorizontinos
plebeus, reis, párias e divinos

há muito deus dentro de mim
zeus, aláh, budas e orixás
uns prometeus uns satanás
uns ateus outros tanto faz

dentro do útero eu fui vários
óvulos em códigos binários
gerando livros ordinários
na órbita dos meus eus imaginários
na lógica do meu ser interplanetário

há muito som dentro de mim
às vezes pistom, vozes, clarins
tem melotrons tem teremins
trompas acordeons e passarins
bandoneons e bandolins
quartos de tom, flautins

há muitos dons dentro de mim
uns são bons outros são ruins
uns mions, meio chinfrins
uns contra com outros mais afins

dentro do útero eu fui vários
óvulos em códigos binários
gerando livros ordinários
na órbita dos meus eus imaginários
na lógica do meu ser interplanetário

Tonelli
Luciana

nosso lugar

Para Vaninha Galvão

Este lugar cruzamento
onde fronteiras borradas
onde o apagamento
de traços e de pegadas

Este lugar ferimento
onde com unhas e dentes
contradições veementes
forjam o metal dos dias

Encruzilhada de ventos
é também lugar de encontro
é margem e também é centro
sou eu e também é outro

Este lugar confluência
onde embates viscerais
onde a fria indiferença
mas também a empatia

Este lugar de aramados
mas também de sementeiras
água e madeira, imanência
em que a vida faz-se inteira

É espaço de um desejo
que busca bordas e beiras
convívio à beira do fogo
presenças pontes centelhas

É espaço de um desejo
que dá sentido à existência
tecendo afetos e jeitos
aprendendo diferenças

E por mais que cercas e muros
por mais que cabeças duras
por mais que o Poder efetue
mais das suas

O desejo que pulsa é o do abraço
para além da casa e do leito
o desejo que pulsa é o do laço
da palavra que aquece o peito

E mesmo que carros blindados
e mesmo que corpos-couraças
e mesmo que olhares opacos
enxerguem aqui um nada

A imagem que surge é de vida
de vida em nascimento
espantosa frágil potência
a vida em sua insistência

E embora o espaço já esteja
inteiro cartografado
E embora o tempo já seja
propriedade privada

Ainda assim o desejo das margens
da travessia
Ainda assim o alento, sustento
de todo dia

Alento que a violência
só aumenta em sua urgência
Desejo que nosso lugar
trama inventa e reinventa e alimenta

minibiografias dezfaces

Adriana Versiani
Nasceu em Ouro Preto-MG. Tem três livros de poemas publicados. Integrou o *Grupo Dazibao*, de Divinópolis/Belo Horizonte. Foi co-organizadora da coleção *Poesia Orbital*. Faz parte do conselho editorial da *Revista de Literatura ATO*.

Álvaro Andrade Garcia
Nasceu em Belo Horizonte, em 1961. É escritor e diretor de audiovisuais e de projetos multimídia. Tem publicados oito livros de poesia e dois de prosa. Escreveu crônicas e ensaios para imprensa. Criou e produziu videopoemas, videocrônicas, web documentários e portais na internet. Toda sua produção está disponível no site www.ciclope.art.br, dedicado à *poiesis* e à imaginação digital, no ar desde 2002.

Ana Caetano
Nasceu em Dores do Indaiá-MG, em 1960. Publicou: *Levianas* (1984) e *Babel* (1994) com Levi Carneiro; e *Quatorze* (1997). Participou da coordenação dos projetos *Temporada de Poesia*, em 1994, e *Poesia Orbital*, em 1997; do CD *Cacograma* (2001); e foi co-editora da revista *Fahrenheit 451*.

Ana Elisa Ribeiro
Nasceu em Belo Horizonte, em 1975. Graduou-se em Letras pela UFMG, onde fez mestrado e faz doutorado. É professora do Cefet-MG e assessora alguns cursos de pós-graduação. Publicou *Poesinha* (*Poesia Orbital*, 1997) e *Perversa* (*Ciência do Acidente*, 2002), além de contos em revistas no Brasil e em Portugal.

Camilo Lara
Nasceu em Itaguara-MG. É professor e co-ordenador da Seção de Atividades Culturais do Cefet-MG. Tem dois livros de poemas publicados em co-autoria. Foi um dos organizadores da coleção *Poesia Orbital* em 1997. É co-editor da Revista Literária *ATO*.

Carlos Augusto Novais
Nasceu em João Monlevade-MG, 1958. Poeta e professor de Filosofia e Literatura. Livros de poesia: *A de Palavra*, 1989; *alvo. S. m.*, 1997. CD de poesia: *Cacograma*, 2001 (em parceria). Participações: *Alegria Blues Banda*, 1979; *Salto de Tigre*, 1993; *Mostra Poética de Belo Horizonte*, 1994-1996; *Inferno*, 2000.

Elder Mourão
Nasceu em Barbacena (MG) e vive em Belo Horizonte há 25 anos. Poeta, performer, jornalista e pesquisador das relações entre artes plásticas e literatura, tem publicados os livros de poesia *LVA* (1989) e *Uma valsa para três* (1996), e a reedição de *LVA* pela *Coleção Poesia Orbital* (1997). Prêmio BDMG 1991 por ensaio sobre a poética paziana, em co-autoria com Janice Barreto. Atualmente é mestrando em Estudos Literários pela UFMG.

Fabrício Marques
Nascido em Manhuaçu (MG) em 1965, vive em Belo Horizonte. Poeta, jornalista e professor universitário. Como jornalista, trabalhou em *O Tempo* e na revista *Palavra*. Foi editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais* em 2004. Atualmente, colabora com diversas publicações no país. Publicou os livros de poemas *Samplers* (Relume-Dumará, 2000) e *Meu Pequeno Fim* (Scriptum, 2002), o ensaio *Aço em Flor* (Autêntica, 2001), fruto do mestrado sobre Paulo Leminski, e o livro de entrevistas *Dez conversas - diálogos com poetas contemporâneos* (Gutenberg, 2004).

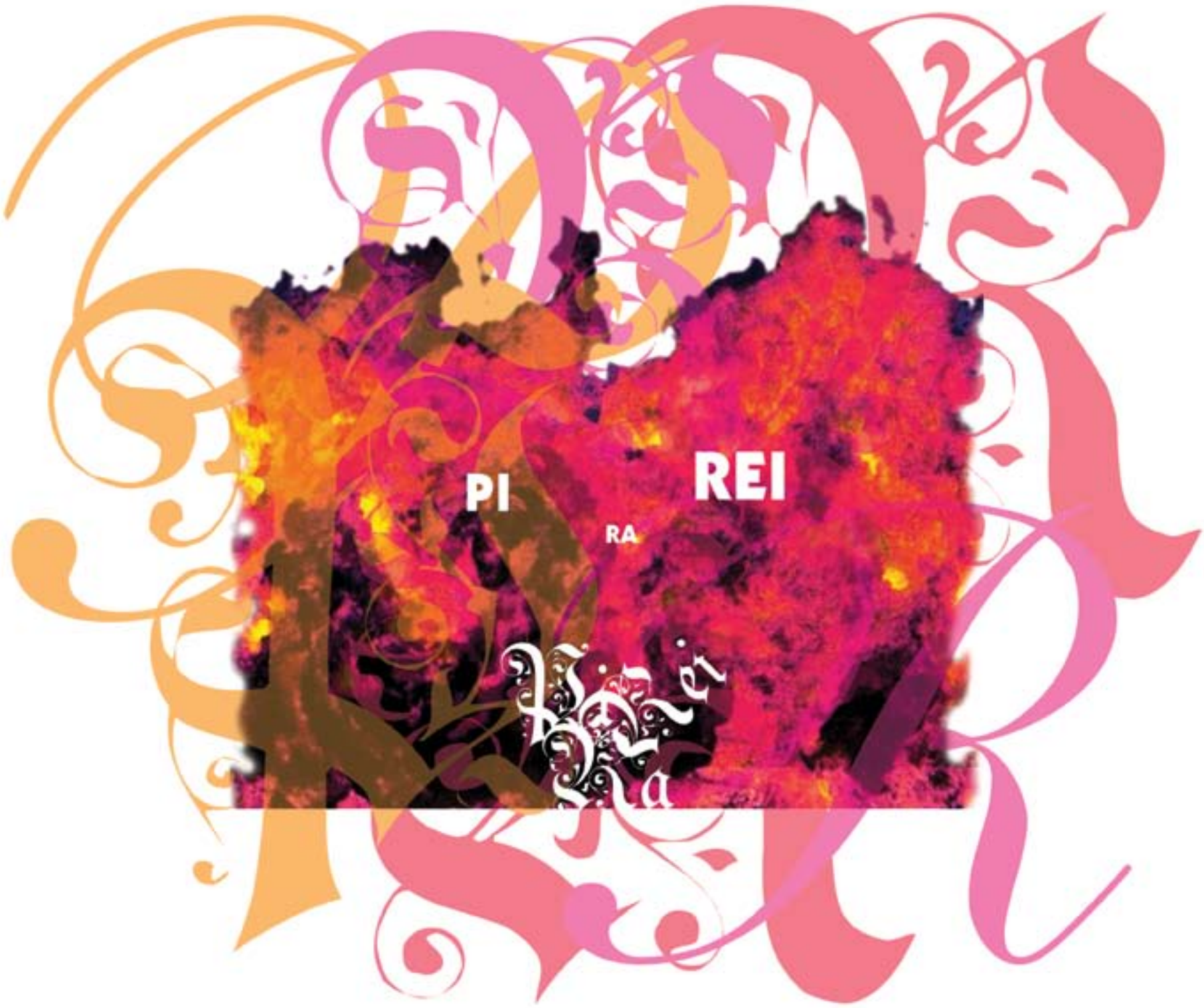
Jorge Emil
Nascido em Caratinga (MG) em 1970, vive em Belo Horizonte. Poeta, ator e diretor de teatro. Seu último personagem foi Jasão, em *Gota D'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, direção de Gabriel Vilela (São Paulo, 2001). Prêmio Sesc/Sated de Melhor Ator por seu desempenho como protagonista em *Ricardo III*, de Shakespeare (1999). Em 2000, recebeu um prêmio especial pelo conjunto das peças. Publicou *O dia múltiplo* (2002) e *Pequeno arsenal* (2004), pela Bom Texto (RJ).

Kiko Ferreira
Poeta e letrista; crítico de música, radialista, programador e produtor cultural. Diretor artístico da Rádio Inconfidência, vice-presidente da Arpub (Associação das Rádios Públicas do Brasil). Foi diretor artístico da TV Minas, TV Horizonte e Rádio Geraes FM, entre outras atividades no meio. Crítico de música do jornal *Estado de Minas*, escreve sobre o tema há 30 anos no jornal mineiro e em outros veículos da imprensa nacional. Tem cinco livros de poesia publicados e é parceiro, como letrista, de Sérgio Moreira, Affonsinho, Gilvan de Oliveira e Danni Calixto.

Luciana Tonelli
Poeta e jornalista, atua na área de cultura e Terceiro Setor. Fez parte da equipe de edição da revista de cultura *Palavra*. Trabalhos mais recentes realizados para o Ateliê Ciclope - Arte e Publicações em Meio Digital. Publicou *Flagrantes do Poço*, coleção *Poesia Orbital* (1997), da qual também participou como organizadora.

Makely Ka
Poeta, músico, compositor e militante da produção independente (em seu jargão, "contra-industrial"). Vem ativando ações no campo da música e da poesia em Belo Horizonte. Lançou pela "Selo Editorial e Musical", criada por ele, o livro de poemas *Ego Excêntrico* e os CDs *Danaide* (2006), em parceria com Maysa Moura, e *A outra cidade* (2003), com Pablo Castro e Kristoff Silva. Edita a *Revista de Autofagia* com Bruno Brum. Mantém no ar o blog http://autofago.blogspot.com.

Marcelo Dolabela
Poeta, pesquisador de música e poesia brasileiras e militante da produção cultural independente e coletiva. Idealizou e co-editou diversos eventos e publicações em Belo Horizonte, entre eles o Festival Internacional de Poesia Sonora (2000), a Bienal Internacional de Poesia (1998) e a Coleção Poesia Orbital (1997). Roteirista, com trabalhos em parcerias com os cineastas Rafael Conde, Patrícia Moran e com a artista gráfica Glória Campos. Experimentos também em dramaturgia e arte postal, com trabalhos expostos em vários países. Principais obras: *Coração malasarte*, 1980. *Radicais*, 1985. *ABZ do rock brasileiro*, 1987. *Amônia*, 1997. *Poeminhas & Outros poemas*, 1998. *Letrolatria*, 2000. *Batuques de limeriques*, 2005. *Lorem ipsus – Antologia poética & outros poemas*, 2006.



Garcia

Álvaro Andrade

à moda das mínimas de teo

à moda das mínimas de teo

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte